

TÁTICAS DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO: TRADUZINDO A ALTERIDADE

Janivam da Silva Assunção (UEFS)

waadi@ig.com.br

Norma Lucia Fernandes de Almeida (UEFS)

norma.uefs@gmail.com

1. Introdução

Este artigo analisa como as formas de indeterminar o *sujeito gramatical*, legitimadas pela gramática tradicional do português brasileiro estão relacionadas à ideia da *violência simbólica* segundo o pensamento de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron (1970). Além disso, apresenta as formas que os falantes feirenses usam para indeterminar este mesmo sujeito e como podem ser relacionadas à *teoria das práticas cotidianas* de Michel de Certeau (1974). Apresentaremos uma relação entre estas duas teorias mostrando que, ao mesmo tempo em que a sociedade impõe e legitima padrões de comportamentos, não há uma passividade da parte do homem que reage criando novas formas de ser e estar no mundo. Para a realização deste trabalho, além das teorias acima citadas, serão usados os resultados de duas pesquisas realizadas por Assunção (2009-2010) sobre a indeterminação do sujeito na variedade linguística de Feira de Santana.

2. Bourdieu e Passeron e a violência simbólica

A teoria da violência simbólica, da qual tratam os sociólogos Bourdieu e Passeron, não está direcionada a uma violência física, mas a uma relação de poder que impõe significados e toma-os como legítimos. Assim, vejamos o que eles afirmam:

Todo poder de violência simbólica, isto é, todo poder que chega a impor significações e a impô-las como legítimas, dissimulando as relações de força que estão na base de sua força, acrescenta sua própria força, isto é, propriamente simbólica, a essas relações de força. (BOURDIEU; PASSERON, 1982, p. 19)

Estes sociólogos tiveram o propósito de desmistificar os mecanismos de reprodução social que fariam verdadeira toda forma de poder. Para isto, eles não levaram em conta o universo econômico como fator primordial; se apoiaram em algo mais específico e criaram a teoria da vi-

olência simbólica. Saviani traduz com propriedade o que defende Bourdieu e Passeron:

Os autores tomaram como ponto de partida que toda e qualquer sociedade estrutura-se como um sistema de relações de força material entre grupos ou classes. Sobre a base da força material e sob sua determinação ergue-se um sistema de relações de força simbólica cujo papel é reforçar, por dissimulação as relações de força material. (1997, p. 29).

Entendendo que neste universo encontra-se a ação pedagógica seja ela através de uma educação difusa, educação familiar, ou uma educação institucionalizada, partem daqui as considerações acerca da ação pedagógica institucionalizada, particularmente falando a escolar no que diz respeito ao tratamento do ensino da estrutura gramatical da língua portuguesa – especificamente ao ensino da indeterminação do sujeito.

Bourdieu e Passeron reclamam que toda ação pedagógica (AP) é objetivamente uma violência simbólica enquanto imposição por um poder arbitrário cultural.

Todo *sistema de ensino institucionalizado* (SE) deve as características específicas de sua estrutura e de seu funcionamento ao fato de que lhe é preciso produzir e reproduzir, pelos meios próprios da instituição, as condições institucionais cuja existência e persistência (autorreprodução da instituição) são necessários tanto ao exercício de sua função própria de inculcação quanto à realização de sua função de representação de um arbitrário cultural do qual ele não é o produtor (reprodução cultural) e cuja reprodução contribui à reprodução das relações entre os grupos ou as classes (reprodução social). (BOURDIEU; PASSERON, 1982, p. 64)

O mundo social para Bourdieu deve ser compreendido à luz de três conceitos fundamentais: *campo*, *habitus* e *capital*. Para esse pesquisador, o campo representa o espaço simbólico, este é dinâmico; as disputas de interesses de cada campo têm suas leis próprias pelo fato de cada um seguir as regras que estão relacionadas a seus interesses e funções. Assim, entendemos a instituição escolar como esse espaço simbólico o qual é parte de um todo que forma o sustentáculo do sistema de relações de força material entre as classes. Para um melhor entendimento, apresentamos de forma empírica como a escola serve de portal para que um determinado grupo defina, legitime o que é certo ou errado, o que pode e não pode ser usado na língua, especificamente no português brasileiro.

O ensino da língua portuguesa é realizado de forma mecânica; mesmo com alguns avanços na área da linguística a instituição educacional ainda persiste em definir a língua como homogênea e invariável e mais, com pouca aplicabilidade. Esta ação pode ser exemplificada atra-

vés do ensino da indeterminação do sujeito, que pode servir de base para a reflexão do ensino de outras questões gramaticais.

A questão do sujeito é talvez uma das mais complexas na gramática da língua portuguesa. É comum a mistura de critérios na análise que, por vezes, se enviesam pelo aspecto semântico-pragmático da língua e pelo morfossintático. Por isso, o sujeito indeterminado constitui um dos tipos de sujeito em que tal problemática surge com maior confusão. Não dispondo de recursos teórico-descritivos para distinguir os múltiplos fatos da língua, a gramática tradicional (GT) dá um tratamento inadequado ao tema da indeterminação do sujeito em língua portuguesa.

Celso Cunha (2007) entende como sujeito indeterminado a não referência do verbo a uma pessoa determinada – situação que ocorre quando se desconhece quem executa a ação ou por falta de interesse no seu conhecimento. Para ilustrar melhor a asseertiva, Cunha elenca duas formas de indeterminação do sujeito, a saber: o verbo na 3ª pessoa do plural (I) ou na 3ª pessoa do singular, com o pronome se (II).

(I) – **Contaram-me**, quando eu era pequenina, a história duns naufragos, como nós. (A. Ribeiro, SBAM, 265, *apud* CUNHA & CINTRA, 2007, p. 128.)

(II) – **Comia-se** com a boca, com os olhos, com o nariz. (Machado de Assis, OC, I, 520 P, *apud* CUNHA & CINTRA, 2007, p. 128.)

De acordo com Infante e Nicola (2000), o sujeito é um dos termos essenciais da oração, termo indispensável para a formação da sentença; ele estabelece concordância com o verbo, e é representado morfologicamente por substantivo. Uma das formas de identificar o sujeito, segundo estes gramáticos, é a sua relação com a desinência verbal. Eles comungam com Cunha quanto à definição de indeterminação, afirmando que a mesma ocorre quando não é possível identificar claramente a que se refere à concordância verbal. Tal fenômeno ocorre, afirmam esses autores, quando não se quer ou não interessa identificar com precisão o sujeito da oração. No entanto, Infante e Nicola vão além do pensamento de Cunha e de outros gramáticos no que se referem à construção do sujeito indeterminado com o pronome indefinido. Eles nos chamam a atenção para o fato de que essa atitude é o resultado de um equívoco de alguns gramáticos, pois confunde o mecanismo gramatical da relação sujeito-verbo com a significação das palavras. Os exemplos a seguir servirão de ilustração para uma melhor compreensão.

(III) “Ninguém me ama.” (NICOLA & INFANTE, 1997, p. 251)

(IV) “Nada nos fará calar.” (NICOLA & INFANTE, 1997, p. 251)

Os autores reforçam dizendo que os pronomes indefinidos *ninguém* e *nada* são termos que estabelecem concordância com o verbo, mas que, segundo alguns gramáticos, não são suficientes para esclarecer precisamente o sujeito da oração. Isso é um equívoco, segundo os prescritivistas Nicola e Infante, pois ambos os pronomes estabelecem concordância com o verbo.

Nota-se que nas gramáticas tradicionais não encontramos divergências quanto à definição da indeterminação do sujeito e a sua ocorrência. Autores divergem no que diz respeito aos critérios de análise – ora partem para uma análise semântica ora pragmática –, apresentando uma limitação linguística como se a língua fosse constituída de estrutura pronta e controlada.

De acordo com este contexto a gramática normativa configura-se no *habitus*, entendendo-a como uma matriz geradora de comportamentos, visões de mundo e sistemas de classificação da realidade que se incorporam aos indivíduos e que gera os nossos hábitos. É através do que está legitimado pela gramática tradicional que também somos avaliados e considerados parte de um determinado grupo social. Neste universo, encontramos o que Bourdieu chamou de capital – acúmulo de forças dos agentes ou suas posições no campo. Este capital engloba o universo social, o cultural, o econômico e o simbólico – neste se inclui o científico. Fazendo uma análise podemos notar que através do *habitus* é que nosso valor de capital é analisado. Bourdieu fala do papel do sistema de ensino na reprodução da estrutura de distribuição do capital cultural.

A definição tradicional do “sistema de educação” como o conjunto dos mecanismos institucionais ou habituais pelos quais se encontra assegurada, segundo a expressão de Durkheim, “a conservação de uma cultura herdada do passado”, ou seja, a transmissão entre gerações da informação acumulada, permite às teorias clássicas dissociar a função de reprodução cultural que cabe a qualquer sistema de ensino, de sua função de reprodução social [...] (2007, p. 296-297).

Bourdieu e Passeron afirmam que a violência simbólica corresponde a um tipo de violência que é exercida em parte com o consentimento de quem a sofre. Isso acontece, vejamos o caso do sistema educacional em particular, por dois motivos: por que ele produz e reproduz – pelos próprios meios da instituição – as condições necessárias ao exercício de uso da função interna de inculcação que são, ao mesmo tempo, as condições suficientes da realização de sua força externa de reprodução

das relações de força; e só pelo fato de existir e subsistir como instituição, o que parece ser o suficiente para o sociólogo.

Veremos, a partir das ideias de Michel de Certeau, que o homem, o consumidor – denominação usada pelo pesquisador – não é tão passivo assim e, que eles criam táticas para burlar tais imposições havendo um descumprimento dos padrões determinantes.

3. *Michel de Certeau: estratégias e táticas*

Neste item apresentaremos uma relação entre as formas pronominais que os falantes feirenses usam para indeterminar o sujeito, as quais não são encontradas nas gramáticas tradicionais, com uma das análises feita por Michel de Certeau que trata do *fazer com: usos e táticas* especificamente no trato de *estratégias e táticas*. Esta análise faz parte de um conjunto de várias outras que compõe a sua obra: *A Invenção do Cotidiano*, que tem o título original em francês (*L'invention du quotidien. Vol. 1, Arts de faire'*).

Certeau finalizou seus trabalhos sem deixar uma teoria, no sentido que reclama o universo teórico freudiano – fechado –, mas, diversas análises do comportamento humano no seu cotidiano fizeram com que ele constatasse que nesse universo não há uma convivência e imparcialidade por parte dos que a sofre, pelo contrário, há reações, as quais ele denominou de táticas do fazer, desvios das normas.

Cuidamos de não adotar as formas pronominais de indeterminação do sujeito usadas pelos feirenses como produto de um universo só estatístico, mas sim a formalidade própria desta prática – todo o movimento que não implica apenas novas e diferentes formas de representação – mas, um reflexo de que o movimento é cíclico. Sobre isto afirma Certeau:

[...] as estatísticas se contentam em classificar, calcular, e tabular esses elementos – unidades “léxicas”, palavras publicitárias, imagens televisivas, produtos manufaturados, lugares construídos etc. – e o fazem com categorias e segundo taxinomias conformes às da produção industrial ou administrativa. Por isso elas só captam o material utilizado pelas práticas de consumo – material que é evidentemente o que é a todos imposto pela produção – e não a *formalidade* própria dessas práticas, seu “movimento” sub-reptício e astucioso, isto é, a atividade de “fazer com” [...] (2009, p. 92)

Concordamos com Bourdieu que existe, em parte, uma cumplicidade por parte dos consumidores, assim chamados por Certeau, no que diz respeito às imposições sociais e que a institucionalizações dessas im-

posições é o grande motivo dessa parcial imparcialidade. Parcial por que essas estratégias – nome dado por Certeau para tais imposições – condicionam táticas, maneiras de burlá-las. As táticas vão sendo criadas na medida em que são necessárias, ou seja, elas são relativas às possibilidades oferecidas pelas circunstâncias, mas elas não obedecem à lei do lugar e não se definem a este, afirma Certeau.

O pesquisador distingue o que ele denomina de táticas desviacionistas e estratégias tecnocráticas pelos tipos de operações nesses espaços: as estratégias são capazes de produzir, mapear e impor, enquanto que as táticas só podem utilizá-las, manipular e alterar, isso faz com que se criem sistemas de operações. “[...] Reciprocamente, a produção cultural oferece um campo de expansão para as operações racionais que permitem gerir o trabalho mediante a divisão (uma análise), mapeando-o (uma síntese) e massificando-o (generalização) [...]” (CERTEAU, 2009, p. 86).

O autor diz que assim como na literatura se podem diferenciar “*estilos*” ou maneiras de escrever, podemos também distinguir maneiras de fazer, de caminhar, ler, produzir, falar entre outras coisas. Ele afirma que os estilos de ação no primeiro momento interferem no campo que os regulam num primeiro nível, mas daí aplica-se maneiras de tirar proveito dele. Essas maneiras obedecem a outras regras e constituem como que um segundo nível interligado com o primeiro.

Assim, entendemos que os falantes feirenses fazem uso de esquemas de operações para utilizar diferentes formas para indeterminar o sujeito, as quais não são encontradas na gramática tradicional impostas pela instituição escolar. Esses esquemas se dão através da ordem que lhes é imposta, usando da pluralidade e criatividade linguística. Portanto, os falantes feirenses fazem uso de estruturas que já existe na língua e criam novas formas de empregá-las. A heterogeneidade linguística é uma forte aliada para que estes falantes reempreguem as variadas formas de indeterminar o sujeito. Essa possibilidade ocorre pelo fato de existir uma barreira muito grande do que é de fato uma gramática ideal (referência às normas linguísticas impostas) e uma gramática real (a língua em situação real de fala).

Dentro da região das práticas cotidianas está o uso da língua que também se apóia numa problemática dos enunciados, enunciados estes que abrangem – de acordo com o pesquisador francês – o realizar, apropriar-se, inserir-se numa rede relacional e situar-se no tempo, é o que faz do enunciado e, secundariamente do uso, um nó de circunstâncias. O que

torna o ato de falar é o uso da língua e uma operação sobre ela afirma Certeau. Além do enunciado, ele apresenta outro prisma que é caracterizado pelas relações de força, definindo as redes na qual se inscrevem e delimitam as circunstâncias de que podem aproveitar-se. Sendo assim, acrescenta o autor, mostrando que de uma referência linguística é preciso passar a uma referência polemológica, trata-se de combates ou de jogos entre o forte e o fraco, e das ações que o fraco pode empreender. O autor se refere às estratégias e táticas; vejamos como as define Certeau:

[...] Chamo de *estratégia* o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um *lugar* suscetível de ser circunscrito como *algo próprio* e ser a base de onde se podem gerir as relações com *uma exterioridade* de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa etc). (2009, p. 93)

Enquanto que a tática para Certeau se configura como:

[...] a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma [...] a tática é movimento “dentro do campo de visão do inimigo” [...] (2009, p. 94)

Nessa relação entre fortes e fracos, os consumidores produzem, o que Certeau assemelhou às linhas de erre, usando a denominação dada por Deligny para mostrar que eles traçam trajetórias indeterminadas que aparentam não ter sentido pelo fato de não ter coerência com o espaço que é pré-fabricado, ou seja, essas trajetórias inicialmente se configuram um corpo estranho para os que impõem uma “ordem”. Trajetórias, que embora em parte se enquadrem no universo organizado pelo sistema, são heterogêneas e inconstantes ao sistema aos quais se permeiam e apresentam comportamentos de acordo com os interesses. Certeau afirma que embora sejam relativas às possibilidades relativas pelas circunstâncias, essas táticas desviacionistas não obedecem à lei do lugar, não se definem por este.

Apoiando-nos na definição que Certeau apresenta ser estratégia e tática, damos prosseguimento à análise do trajeto do uso de novas formas de indeterminar o sujeito pelos falantes feirenses.

Assim, consideramos a pedagogia educacional, restringindo à escolar, como um lugar estrategicamente usado pelos órgãos institucionali-

zados como mantedor de uma ordem imposta e legitimada. Dentro desse universo escolar, colocamos a atenção para o ensino da língua portuguesa no que se refere à indeterminação do sujeito.

A escola como sendo um sistema institucionalizado tem o papel de homogeneizar a língua, usando estrategicamente de uma gramática tradicional, reproduzindo o que acredita ser arbitrário cultural – no caso linguístico – determinando o que é certo ou o que é errado, comportamento este que reflete nas relações entre os grupos ou classes, criando estereótipos e preconceitos. A heterogeneidade linguística é o que condiciona o sistema de criar operações racionais. Certeau afirma que a produção cultural oferece um campo de expansão para as operações racionais que permitem gerir o trabalho mediante uma análise, uma síntese e uma generalização.

O autor acrescenta as modalidades de ação e as formalidades das práticas. Desse ponto de vista, a impossibilidade de dar conta de heterogeneidade linguística e as diferentes formas que têm os falantes para indeterminal o sujeito, a instituição escolar – através do ensino da gramática – tenta massificar no sentido de generalizar a língua portuguesa. Considerando que as estratégias com suas figuras sucessivas abalam seu universo formal cujo laço com uma configuração histórica particular da racionalidade deveria ser precisado, o autor denomina *tática* a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Isso acontece interiramente, pois nenhuma delimitação externa lhe fornece a condição de autonomia.

Certeau afirma que a *tática* não tem por lugar senão o do outro, por conta disto deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. Ela não tem meios para que possa manter em si mesma à distância numa posição recuada de provisão e de convocação própria. Certeau afirma que a *tática* é movimento “dentro do campo de visão do inimigo” – usando as palavras de Von Bullow –, e no espaço por ele controlado. Por isso ela não tem a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. A *tática* é aplicada como diz Certeau, golpe a golpe, lance por lance, aproveitando as “ocasiões” as quais delas depende, sempre encontrando uma brecha, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário.

O anticonformista e perspicaz Certeau diz que a *tática* é a arte do fraco. Usando o pensamento de Clausewitz no que diz respeito à astúcia,

ele afirma que quanto maior um poder, tanto menos pode permitir-se mobilizar uma parte de seus meios para produzir efeitos de astúcia: é, com efeito, perigoso usar efetivos consideráveis para aparências. As forças são distribuídas, não se pode correr o risco de fingir com elas. O poder se acha amarrado à sua visibilidade. Ao contrário, a astúcia é possível ao fraco, e muitas vezes apenas ela, como “último recurso”. “Quanto mais fracas as forças submetidas à direção estratégica, tanto mais esta estará sujeita à astúcia”.

Considerando que a estratégia é organizada pelo postulado de um poder, a tática pela ausência de poder por parte dos estrategistas e, que, ela acontece dentro do campo de visão do inimigo, aproveitando a brecha que este por algum motivo abre, as várias formas de indeterminar o sujeito que o falante usa se dá pelo fato, como já foi dito, da limitação estratégica que tem o poder limitador da linguagem de nivelar tal uso.

Temos como exemplo de formas de indeterminação do sujeito usadas pelos falantes feirenses, além das formas encontradas na gramática tradicional, *o verbo na 3ª pessoa do singular sem o pronome se, o verbo na 3ª pessoa do plural*, os pronomes: *eu, você, nós, ela (e), elas (es) e a gente*; isso acontece no uso da fala real, universo este não alcançável pelo poder limitador.

Apresentam-se aqui alguns exemplos os quais foram retirados dos resultados de pesquisas realizadas sobre a indeterminação do sujeito em Feira de Santana.

(V) DOC: ...relacionado ao comércio.

INF: O cara chega no comércio, “Não, *eu* vou pro shopping”, shopping aonde aquilo é shopping! (3b) *Você* entra ali roda, roda, sai no mesmo lugar! Não vale a pena nem *você* conhecer o comércio de Feira de Santana. (ASSUNÇÃO, 2010)¹⁷⁴

(VI) DOC: E o ano novo?

INF: ...Quando a gente chegou minha filha, minha casa tava toda arrombada! Tudo assim ó, de perna pra cima, o que *eles* puderam levar de dentro de casa, daqui do bar. *Saltaram* um muro que tinha lá no quintal, Ninguém viu. (ASSUNÇÃO, 2009).

Os exemplos acima elencados mostram que apesar das estratégias usadas pela instituição escolar, através do ensino da gramática, com o ob-

¹⁷⁴ Alguns exemplos se apresentam fora das normas propostas pela gramática tradicional, isto pelo fato delas serem transcrições e se mantiveram fiéis à fala dos informantes.

jetivo de impor o uso limitado da língua, a heterogeneidade linguística – ponto fraco dessas estratégias – ganha espaço na comunicação real do cotidiano.

Certeau (2009) afirma que as estratégias e táticas se homogeneizam, elas se repetem e se reforçam uma à outra. Nesse caso em particular, a escola – através do ensino de gramática – serve como espaço expansionista de uma legitimação comunicativa. As formas que os falantes do português brasileiro usam para indeterminar o sujeito como as encontradas nos exemplos acima: *a gente, eu, você, eles*, se referem às modalidades de ação às formalidades das práticas obedecendo às estratégias que aparentemente as impedem de tal possibilidade e uso, isto acontece simultaneamente.

O historiador afirma que embora sejam relativas às possibilidades oferecidas pelas circunstâncias, essas *táticas* desvencionistas não obedecem à lei do lugar. Não se definem por este. O que distingue estas daquelas são os tipos de operações nesses espaços que as estratégias são capazes de produzir, mapear e impor, ao passo que as táticas só podem utilizá-los, manipular e alterar. Assim, de acordo com os tipos de operações que apresentam, os consumidores – os falantes – utilizam a língua, manipulam e a alteram. Eles especificam esquemas de operações e isso ocorre na fala, através das várias possibilidades que o falante tem para dizer a mesma coisa, o que nós linguístas variacionistas chamamos de variantes.

A princípio o que é imposto pelo sistema de ensino, particularmente no que diz respeito à indeterminação do sujeito, parece ter o controle da língua e conseqüentemente do falante que a princípio obedece às regras impostas pela gramática normativa, mas que, de acordo com Certeau, introduzem aí uma maneira de tirar partido dessa imposição que por sua vez obedece a outras regras e constitui como um segundo nível imbricado no primeiro. Nesse universo temos os pronomes, acima exemplificados, que são usados pelos falantes como táticas para indeterminar o sujeito, continuam ocupando o lugar do sujeito que segue o parâmetro da língua apresentando como uma aparente obediência, mas o falante aproveita dessas regras gramaticais e cria novas formas, isso ocorre por conta da dinâmica que a língua apresenta.

Como afirma Certeau, assimilados aos modos de emprego, “essas maneiras de fazer” criam um jogo mediante a estratificação de funcionamentos diferentes e interferentes. Assim definimos os exemplos apresentados como esquemas de operações que se constituem como forma de re-

emprego, que refletem as possibilidades constitutivas da própria língua.

Objetivou-se explicar o uso de variadas formas de indeterminar o sujeito, as quais fazem parte da diversidade linguística do português brasileiro, apresentando de que forma o ensino da gramática tradicional relaciona-se com as *práticas de violência simbólica* defendidas por Bourdieu e Passeron. Entendemos a instituição escolar como esse espaço simbólico o qual é parte de um todo que forma o sustentáculo do sistema de relações de força material entre as classes e que através deste espaço são usadas estratégias de ensino da gramática com a intenção de nivelar a língua. As táticas de indeterminação do sujeito utilizadas pelos falantes feirenses se configuram na limitação estratégica que tem o poder limitador de manipular a língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSUNÇÃO, Janivam da Silva. Estratégias de indeterminação na variedade linguística de Feira de Santana. *XIII Seminário de Iniciação Científica e Semana Nacional de Ciência e Tecnologia*, UEFS. Universidade Estadual de Feira de Santana. Bahia, 2009.

_____. Estratégias de indeterminação do sujeito na variedade linguística feirense: um estudo comparativo entre norma culta e popular. *XIV Seminário de Iniciação Científica Semana Nacional de Ciência e Tecnologia*, UEFS. Universidade Estadual de Feira de Santana. Bahia, 2010.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Introdução, organização e seleção Sergio Micceli. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BOUDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Tradução de Reynaldo Bairão. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

CERTAEU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Vol. 1. Artes de fazer. 16. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2009.

CUNHA, Celso; CINTRA, L. F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Digital, 2007.

NICOLA, José de; INFANTE, Ulisses. *Gramática contemporânea da língua portuguesa*. São Paulo: Scipione, 2000.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política*. São Paulo: Autores Associados, 1997.